

CARREIROS

O CARREIRO — *“Entra Limoeiro! Fasta Laranjeira!”* E o carro vai gemendo sob o peso da carga que a junta de bois mais afamada do lugar vai puxando. Bem combinados, são “espaços”, com chifres de volta e argolas nas pontas para as chifradeiras. O carreiro conhece-lhes as manhas, todos os pequeninos segredos que o fazem estar sempre alerta contra qualquer acidente, numa previdência instintiva ou então aprendida pelo contato constante, diário, com diferentes juntas. Estes são mansos, não escoiceiam, não apertam contra o cabeçalho no momento de encangá-los, não investem ao pôr o cabresto. Conhecem o caminho e não precisam de guia. O cabresto por cima dos canzais, a cabeça baixa, os passos lentos, mas seguros, remoendo, os olhos quase fechados numa doce sonolência que o cantar do carro, rolando atrás de si, embala.

O carreiro impa-se de contentamento, de orgulho mesmo, numa felicidade sem limites. O mundo nada significa para êle senão a força dos seus bois, o seu carro “cantador” e todos os seus pertences anexos. Rodas de tamboril manso, braúna ou jatobá, com meio de grossas almofadas; xedas e cambotas bem ajustadas nas arreias de pau-d’arco, madeira que serve, também para as outras peças da mesa; eixo de amargoco, com chumaceiras nos cocões de umburana macho para fazer o carro cantar sem necessidade de calços, as cantadeiras de mandioca brava ou árvore-de-São-João. Tudo muito bem ajustado, muito bem trabalhado, pelo Joaquim Lopes, o mais afamado carpinteiro na especialidade.

Ontem estêve puxando milho do roçado, com o carro envarado até às pontas dos fueiros de mucambo. Hoje vai à vazante, buscar o arroz que os meeiros bateram e vem ensacado em grandes sacos improvisados com cobertores de riscados, os bitus, tecidos com fios de algodão, de diferentes côres: branco, marrom e azul. As duas primeiras obtidas com as côres naturais do algodão: maranhão e foba, e a terceira com a tintura de anil, nativo na região. Amanhã continuará puxando os milheiros de achas de arueiras, rachadas de empreitada por João Pretim, com cunhas de ferro, batidas com pesados macetes de madeira empilhados à beira do corredor para uma nova cêrca divisória. Carreador sinuoso e longo pela mata adentro, cortado pelo rastro comprido das rodas. Aqui e ali um umbuzeiro, demorando a marcha do carro se é tempo de umbu maduro que o carreiro descasca em “S”, ou acelerando-a, se está florido e por isso um martírio para os bois devido à grande quantidade de mutucas que agasalha.

Ontem, hoje, amanhã e sempre: *“Entra Limoeiro! Fasta Laranjeira”*.

ROSALVO FLORENTINO DE SOUZA — Prof. de Geografia do Brasil da Escola de Jornalismo “Casper Libero” — São Paulo.

